

Sonhos e milagres durante a Shoah

Dreams and miracles during the Shoah

Ethel Mizrahy Cuperschmid*

Resumo: Milagres, sonhos e inspirações não são, necessariamente, objeto de estudo da História. Eles dificilmente podem ser comprovados documentalmente, de forma material. O relato das pessoas diretamente envolvidas nesses fatos deve ser, contudo, analisados com cuidado. Mesmo se partirmos do ponto de vista de que essa narrativa seja verdadeira, muitos fatos continuam sem explicação. Talvez por isso mesmo, é que algumas das narrativas escolhidas para ilustrar este artigo sejam tão fascinantes.

Palavras-chave: Sonhos. Milagres. Literatura.

Abstract: Miracles, dreams and inspirations are not necessarily the object of study of History. They can hardly be proven documented, so material. The story of people directly involved with these facts should be analyzed with caution, however. Even if we assume the point of view that this narrative is true, many facts remain without explanation. Perhaps that is why it is that some of the narratives chosen to illustrate this article are so fascinating.

Keywords: Dreams. Miracles. Literature.

1 Sonhos e milagres

Muitos relatos sobre a Shoah estão repletos de fatos inexplicáveis ou milagrosos que sinalizaram para a possibilidade de sobrevivência apesar de todo o terror cotidiano dos campos de concentração, guetos, prisões e esconderijos. A posição do Judaísmo a respeito dos milagres variou no decorrer de sua história. Os milagres são definidos por David J. Golberg e John D. Rayner como acontecimentos que espantam porque envolvem, ou pretendem envolver, uma suspensão das atividades normais da natureza e, por parecerem cumprir os desígnios de Deus de maneiras inesperadas, são percebidos como intervenções divinas em assuntos públicos. (GOLBERG; RAYNER, 1989, p. 289.)

A tendência atual, não somente dentro da religião judaica, é compreender os milagres das histórias bíblicas como parábolas e relatos de sonhos ou visões que se distinguem, de forma objetiva, das narrativas factuais. Os estudos modernos da Bíblia apontam para a dificuldade de se separar a história da lenda nos antigos documentos.

Parece inegável, também, a ausência de milagres nos dias atuais, mesmo que eles sejam constantemente desejados, implorados e buscados. Como Deus não interveio na Shoah, alguns estão inclinados a pensar que a divindade não age por meio de milagres.

Por intermédio da revelação, da inspiração e da voz da consciência, Deus, no entanto, parece fazer com que pequenos e grandes milagres aconteçam, no sentido de impulsionar os homens a agirem da maneira correta. Se existe uma condução divina na vida pessoal e na história da humanidade, é fundamental diferenciar conduzir de governar. O homem, em última instância, inspirado ou não, é livre para fazer suas escolhas.

Milagres, sonhos e inspirações não são, necessariamente, objeto de estudo da História. Eles dificilmente podem ser comprovados documentalmente, de forma material. O relato das pessoas diretamente envolvidas nesses fatos deve ser, contudo, analisados com cuidado.

Mesmo se partirmos do ponto de vista de que os essa narrativa seja verdadeira, muitos fatos continuam sem explicação. Talvez por isso mesmo, é que algumas das narrativas escolhidas para ilustrar este artigo sejam tão fascinantes.

Em parte considerável das narrativas de sobreviventes, os sonhos ainda são considerados mensagens enviadas do Além ao homem, a fim de o prevenir sobre determinados acontecimentos.

Nesses relatos raramente os sonhos são percebidos como uma função da vida psíquica. Eles são narrados dentro de uma aura misteriosa e mágica, benfazeja e abençoada. Esses sonhos, ocorridos em situações extremas podem ser analisados pelo viés da psicanálise, mas não é isso que pretendo ilustrar neste artigo. A psicanálise estuda o sonho procurando pesquisar os motivos psicológicos, as tendências e os conflitos internos que nele encontraram expressão. E aqui pretendo mostrar como sonhos, coincidências ou “milagres” são centrais em quase todas as narrativas de sobreviventes.

Sigmund Freud (1856-1939), em 1900, publicou uma obra seminal para compreendermos o mecanismo dos sonhos, *A interpretação dos sonhos*. De acordo com Freud, o sonho é consequência de um desejo insatisfeito e recalçado. Mas, pelos relatos dos sobreviventes da Shoah, seus sonhos estavam bem longe disso, pelo menos os sonhos que mereceram ser narrados.

2 Primo Levi e os sonhos

Os sonhos são matéria para análise apurada em Primo Levi (1919-1987), sobrevivente italiano que em *Os afogados e sobreviventes*, 1990, afirma que a maioria dos prisioneiros tinha sonhos semelhantes: sonhavam com comida ou tinham um sonho perpassado por uma angústia profunda. O primeiro seria um sonho do tipo infantil, realização pura e simples dos desejos mais básicos. O segundo também é a realização do desejo de comunicar todo o terror vivenciado. No entanto, nesse contexto, esse intento é frustrado:

Quase todos os sobreviventes, oralmente ou em suas memórias escritas, recordam um sonho muitas vezes recorrente nas noites de confinamento, variado nos particulares mas único na substância: o de terem voltado para casa e contado com paixão e alívio seus sofrimentos passados, dirigindo-se a uma pessoa querida, e de não terem crédito ou mesmo nem serem escutados. (LEVI, 1990, p. 1.)

De certa forma, a angústia de falar e não ser ouvido, de narrar e não ser entendido esteve presente posteriormente nas várias tentativas de compartilhar tal experiência nunca antes imaginada com “o mundo livre”, “o mundo normal”. Os alemães também procuraram destruir não apenas as evidências dos assassinatos em massa, mas, também, todo e qualquer vestígio que tal horror tivesse acontecido. Sabiam, por antecipação que ninguém considerado “normal” poderia acreditar nas vítimas, pois a verdade da Shoah apresentava-se, em sua crueza, com uma carga tão traumática que não poderia simplesmente ser aceita: o número de mortos, as formas de violência praticadas, a organização das “fábricas de morte”, o volume da pilhagem, a infraestrutura envolvida, a “cooperação” das próprias vítimas durante o processo, o silêncio e a cumplicidade da população e dos governos em geral.

Para os sobreviventes, de maneira geral, a Shoah é extrema e, não raro, sua recordação está obliterada ou deformada pelo registro mnemônico, já que a rememoração de um fato traumático é, também, perturbadora. Os relatos de sonhos e “milagres” que pretendo analisar aqui não são uma construção da verdade de conveniência e nem pretendem apagar a distinção

entre o verdadeiro e o falso. Tais recordações de um passado específico não são, necessariamente, objetivas, não contam com testemunhas de terceiros, nem com documentos para comprová-las. Trata-se de experiências pessoais, de sonho, matéria extremamente fluida, sujeita à supressão, censura e esquecimento. Por outro lado, não são se configuram como fuga da realidade ou ilusão consoladora.

O sonho de angústia de Primo Levi retrata ao mesmo tempo a impossibilidade de comunicar fatos brutais feitos ao homem por seu semelhante e o desejo de narrar para o mundo tamanha injustiça e crueldade. Diante da desumanização causada pela violência sofrida, destaca-se, nessas narrativas, o desejo de voltar a ser considerado humano. Na necessidade de comunicação e na troca de informações, evidencia-se, pois, o estabelecimento de um diálogo com o outro, seu igual.

3 Visões na narrativa de Elie Wiesel

Quando os alemães entraram na Hungria, Elie Wiesel tinha doze anos e era profundamente religioso. Em *A noite*, 2001, ele narra como a separação dos judeus, a pilhagem e o “transporte” ocorreram de forma rápida e eficiente. Mesmo com a advertência de um judeu que havia presenciado uma grande matança de outros judeus numa floresta, nas proximidades, ninguém da cidade de Sighet foi capaz de aceitar que poderiam ter o mesmo destino.

Esse destino processou-se em seis semanas. Uma comunidade vibrante e empolgada por suas paixões criativas foi condenada em primeiro lugar à solidão, depois à miséria e, por fim, à deportação e à morte.

No trem de carga, amontoados durante dias, os judeus passaram fome, cansaço, sede, foram mais de uma vez pilhados e alguns tiveram delírios.

O delírio em particular narrado por Wiesel foi o de uma senhora conhecida cujo sobrenome era Schächter. Mulher de cerca de cinquenta anos acompanhada de seu filho de dez. Suas filhas e seu marido haviam partido no transporte anterior. Wiesel atribuiu a perturbação da senhora Schächter ao fato de ela estar longe do restante de sua família. Transtornada, sendo transportada para o desconhecido num vagão hermeticamente fechado, sem sua família, compunha o quadro de terror por que passava a senhora.

De leves gemidos e indagações sobre a separação do restante da família, a senhora Schächter começou a gritar histericamente. A viagem prosseguia na maior privação de espaço e de comida. Na terceira noite, os gritos têm o seguinte conteúdo: “Fogo! Estou vendo fogo! Estou vendo fogo!”. E ela apontava para a pequena janela ainda berrando: “Olhem! Olhem! Esse fogo! Um fogo terrível! Tenha piedade de mim, fogo!” (p. 43). Assim, prossegue o narrador:

Ficamos um longo tempo sob o impacto daquele despertar terrível. Ainda estávamos tremendo. A cada ranger de roda no trilho, parecia que um abismo se abriria sob nossos corpos. Sem poder aplacar nossa angústia, tentamos nos consolar: “Ela é louca, coitada...” Puseram-lhe um lenço molhado na frente para acalmá-la. E ela não parava de berrar: “O fogo! O incêndio!...” (WIESEL, 2001, p. 43.)

A senhora Schächter não parava de gritar ofegante, entre soluços, tentando, talvez, avisar aos companheiros, sobre o tremendo braseiro que estava vendo. Seu filho tentava acalmá-la bem como algumas mulheres, afirmando que logo iria encontrar seu marido e filhas.

Algumas pessoas tentavam, em vão, explicar-lhe que ali não havia nenhum fogo, mais com intuito de tranqüilizar a si mesmas do que o motivo da visão do fogo ou a sede pela qual passava a senhora Schächter.

A tensão dentro do vagão vai aumentando. As pessoas ficam cada vez mais nervosas e sentem, na pobre senhora, a proximidade da loucura. “Alguns jovens a fizeram sentar à força, amarraram-na e puseram-lhe uma mordaca na boca”. (WIESEL, 2001, p. 44.)

O silêncio foi, assim, restabelecido e aqueles judeus puderam voltar a dormir e sonhar. Mas logo a senhora Schächter desvencilhou-se da mordaca e recomeçou a gritar. Os jovens foram estimulados, pelos mais velhos, a fazê-la calar. Alguns lhe deram tapas, golpes na cabeça. E a noite não acabava. Finalmente a senhora Schächter calou-se, mas na noite seguinte voltou a berrar. As pessoas já estavam cansadas de espancá-la. Para o narrador,

O calor, a sede, os odores pestilentos, a falta de ar nos sufocavam, mas tudo isso era nada se comparado àqueles gritos que nos afligiam. (WIESEL, 2001, p. 44.)

O trem parou e algumas pessoas foram autorizadas a descer para pegar água. Os judeus foram informados que Auschwitz era um campo de trabalho e as pessoas seriam empregadas em fábricas. Com isso o ânimo voltou. Seria a última noite no trem e quando todos estavam dormindo, a senhora Schächter voltou a gritar: “O fogo! O incêndio! Olhem ali!” (p. 45).

Logo, o trem aproximou-se de Auschwitz. A senhora Schächter gritou mais uma vez. Mas então, pela janela, puderam constatar, “no céu negro, chamas saindo de uma chaminé alta” (p. 46). A senhora Schächter, então, ficou muda sem ninguém mandar:

Nós olhávamos as chamas da noite. Um cheiro abominável fluíuava no ar. De repente, nossas portas se abriram. Curiosos personagens, de camisões listrados, calças pretas, pularam para dentro do vagão. Nas mãos uma lanterna elétrica e um bastão. Começaram a bater a torto e a direito, antes de gritar:

—Desçam todos! Deixem tudo no vagão! Rápido!

Saltamos para fora. Lancei um último olhar para a senhora Schächter. O menino segurava sua mão.

Diante de nós, aquelas chamas. No ar, aquele cheiro de carne queimada. Devia ser meia-noite. Tínhamos chegado. Birkenau. (WIESEL, 2001, p. 46.)

Wiesel lembra a noite da chegada em outros contos. Esse desembarque ao inacreditável, ao inenarrável, é descrito em tons de sonho e pesadelo, demência, algo fora do tempo, além da criação: “Os arames farpados sugerem o infinito, as chamas a eternidade”. (WIESEL, 1988, p. 89) E, pouco tempo, depois de passar por uma “seleção”, Wiesel é informado do destino de Sighet: Os doentes e os velhinhos, os loucos e as criancinhas da cidade foram queimados.

Os judeus assustados começam a rezar. O pai de Elie Wiesel aperta-lhe a mão com força e pergunta: “Lembra da senhora Schärchter, no trem?” (p. 54).

Para os judeus religiosos e para os hebreus no mundo antigo, os sonhos tinham importância profética e eram considerados inspiração divina. Algumas vezes eles eram portadores de mensagens de importância para toda a comunidade. O Talmud trata sobre os sonhos de

maneira geral, e ela varia desde constatação de profecias à explicação de ordem psicológica. O sonho é entendido como um reflexo do coração.

Os rabinos consideram o mau sonho preferível ao bom porque enche de temor o coração e conduz ao arrependimento. Judeus religiosos chegam a jejuar depois de um pesadelo. Existe também uma reza para ser recitada nessas ocasiões. (ROTH, 1967, p. 1125)

Na narrativa de Elie Wiesel, porém, a visão, ou premonição, da senhora Schächter não é interpretada religiosamente, não fez com que os judeus procurem mudar a situação em que se encontram, mas desperta, no entanto, um terror que, naquele momento, conduz até a submeter a enlouquecida senhora a maus tratos além dos que todos ali estavam sujeitos.

4 Sonhos proféticos de Vladek

Mas existem narrativas de sobreviventes que não se consideravam religiosos e cujos sonhos remetem a todo imaginário da liturgia judaica. Na *História completa Maus*, de Art Spiegelman (2005), seu pai é descrito e ilustrado como um judeu polonês burguês, de costumes leigos. Não era um judeu ortodoxo, que se vestia com roupas típicas e participava da liturgia de forma cotidiana. Vladek era um judeu assimilado, serviu no exército polonês e foi aprisionado pelos alemães. Enfrentando o frio, a fome e trabalhos extenuantes Vladek sempre ia para cama exausto. Numa dessas ocasiões, ele relata um sonho que teve com o fantasma de seu avô que lhe dizia para não se preocupar, pois iria sair daquele campo de prisioneiros no dia de *Parashah Truma* (p. 59). No campo, havia um rabino e muitos prisioneiros rezavam todos os dias. O rabino informou que o sábado referente à leitura dessa seção da Torah iria cair em meados de fevereiro. E para essa data ainda faltavam três meses. Vladek contou seu sonho cheio de esperanças para os companheiros de infortúnio. Espantosamente, no dia anunciado no sonho Vladek ele sai oficialmente do campo e volta para sua família.

Depois que foi preso e enviado à Auschwitz, Vladek recebeu seu número tatuado no braço – 175113 – e tomou conhecimento da situação precária dos prisioneiros do campo. Os prisioneiros mais antigos apontavam para a fumaça dos fornos crematórios que reforçavam o destino de todos os demais. Vladek ficava cada vez mais triste, cada vez mais cansado e com fome. Ninguém se importava. Ele sentou-se no chão e chorou. Alguém do outro lado aproximou-se e pediu para ver o número tatuado em seu braço. Tratava-se de um prisioneiro polonês, de um padre. Segundo o comentário de Vladek, um padre que não era judeu, mas era muito inteligente (p. 188). Esse padre faz o seguinte presságio sobre o número tatuado no antebraço de Vladek:

Seu número começa com dezessete. Em hebraico, “K’minyan tov”. Dezessete é um ótimo presságio. Acaba com treze. É quando meninos judeus viram homens. Veja! A soma dá dezoito. Em hebraico, é “chai”, o número da vida. Não sei se eu sobrevivo a este inferno, mas tenho certeza de que você sai vivo daqui! (SPIEGELMAN, 2005, p. 188.)

Ao que tudo indica, sempre que estava em dificuldades Vladek lembrava da previsão do padre. De fato, ele sobreviveu para contar sua história a seu filho Art, que a contou magistralmente em forma de quadrinhos, conquistando, com esse trabalho, o Prêmio Pulitzer.

5 Narrativa de um desejo realizado

Monique Barbier (maio 1970) relatou a Christian Bernadac em *Kommandos femininos*, 1980, um fato acontecido no campo de concentração de Mauthausen. Barbier não podia ajudar sua amiga

Annick, que estava na “enfermaria” muito adoentada e, além do mais, recusava-se a crer na existência de Deus. O barracão da “enfermaria” era apenas um local onde se amontoavam pessoas a espera da morte. Para Monique Barbier, era também difícil aceitar a “bondade divina” naquele lugar. Ambas estavam revoltadas com Deus. Barbier, entretanto, sentiu que era importante para a amiga ter fé e fez de tudo para que ela reencontrasse a confiança em Deus.

Sempre que ia até a “enfermaria” visitar Annick, esta lhe pedia ajuda. Da última vez pediu açúcar. O sentimento de impotência frente a tal pedido num campo de concentração não a impediu de tentar conseguir com outro prisioneiro, em troca de pão, um bocado de açúcar para levar até a amiga.

O prisioneiro disse que não havia como encontrar açúcar, mas havia conseguido, sabe-se lá como, bombons. Monique Barbier pegou o saquinho com os bombons e comeu alguns. Foi difícil resistir à tentação de comer todos, já que também estava faminta.

Quando foi ver a amiga, uma enfermeira afirmou que ela já estava morta. De fato, Annick estava morrendo e disse que seu fim se aproximava e que Deus realmente não era bom. Que havia pedido a Deus uma naquela manhã uma prova de sua existência, mas até aquele momento não havia obtido. Ela havia pedido bombons!

Senti um choque e, estendendo-lhe meu embrulho, gritei-lhe:

— Annick! Annick! Olhe o que lhe trouxe. Sim, Annick, são bombons... Está ouvindo, Annick? Se Deus está lhe dando a prova de sua existência, não é para abandoná-la. Agora você deve viver... se esforçar para viver!

Annick me olhava e não compreendia, não podia compreender, depois abriu a mão, pegou os bombons e, é claro, acreditou. (BERNADAC, 1980, p. 249.)

Menos de quinze dias depois os prisioneiros foram libertados e Annick e Monique foram salvas.

6 O relato profético de Frank Stiffel

O relato de Frank Stiffel é permeado de sonhos e coincidências fortuitas em *Aquele Anel trouxe de volta meus dedos*, 1977. Logo no início do relato da invasão alemã na Polônia, Stiffel teve um sonho onde escutava uma voz feminina que dizia: “Você viverá para contar” (p. 25).

Quanto chegou ao campo de concentração de Treblinka encontrou na plataforma um anel de ouro com uma pedra esculpida com a face de uma moça. E essa moça tinha, milagrosamente, a mesma voz do sonho precedente:

(...) quando agarrei o anel, tive a nítida sensação de estar segurando o Espírito da Vida e podia ouvir a voz que conhecia tão bem dos meus sonhos: “Sou eu”. (p. 60)

Todas as coincidências e arroubos de sorte eram atribuídos a tal Moça do Anel. Para Stiffel, se ele quisesse sobreviver teria de acreditar em algo especial.

Preso e torturado na Prisão de Rabka, Stiffel teve sonhos estranhos com aeroplanos e sapatos velhos. Isso foi interpretado como um sinal de que em breve iria sair dali em um “transporte”. Outros prisioneiros sonhavam também com pão preto, afinal a fome imperava:

Sonhos, símbolos, superstições. O homem usará todos os meios que puder inventar para acreditar que sua sobrevivência é possível (p. 135).

No “hospital” Stiffel sonhou novamente com a Moça do Anel que lhe dizia para aguardar a próxima quinta-feira. No dia seguinte, contou o sonho para os prisioneiros gregos e virou um herói, uma vez que os gregos acreditavam em sonhos e tinham uma maneira própria de interpretá-los:

Fui informado de que na quinta-feira seria o Rosh Hashanah, e subitamente meu sonho assumiu proporções de profecia e a Moça, uma espécie de Tzadik – um Justo – e excediam uns aos outros nas suas demonstrações de respeito e de amor por mim (p. 216).

De fato, naquela quinta-feira, Stiffel foi apresentado ao médico-chefe da SS em Auschwitz, Dr. Entress. Era ocasião propícia para ajudar outros prisioneiros.

Ao final de sua narrativa Stiffel novamente volta a lembrar do Anel, trinta e cinco anos após sua libertação de Auschwitz:

[...] há uma realidade, um indestrutível Espírito de Fé, que me veio na forma de um anel, mas que desde então se tornou, para sempre, uma companhia espiritual: a Moça do Anel (p. 325).

7 Narrativa de auxílio do “Além”

Talvez um dos relatos mais impressionantes de sonho seja o publicado na *Revista Morashá* de junho de 2001. Trata-se de uma tradução livre do livro *Small Miracles for Women*. A história se passa com Esther, prisioneira do campo de concentração de Sobibor. Assim que passou pelo portão desse campo de extermínio ouviu uma voz interior lhe dizer: “Você vai fugir deste lugar” e assim ela permaneceu com essa certeza.

Por saber tricotar, Esther foi selecionada pelos alemães para trabalhar no campo. E aos poucos entrou em contato com vários prisioneiros que planejavam uma fuga em massa de Sobibor. Essa fuga foi relatada por Stanislaw Szmażner, 1968, e ficou mundialmente famosa por ter sido uma das maiores ocorridas durante a Segunda Guerra Mundial.

Na véspera da fuga, Esther sonhou com sua mãe falecida que lhe indicou o caminho que deveria percorrer na ocasião. No sonho, a mãe a pegava pela mão e a conduzia até um celeiro, afirmando-lhe que ela sobreviveria.

Ao acordar, contou, assustada, o sonho a outra prisioneira que, descrente, afirmou-lhe que o sonho não significa nada, que era melhor esquecer. Esther, porém, não se importou com a opinião da companheira e decidiu que iria encontrar o lugar indicado no sonho pela mãe.

A fuga deu-se no dia 14 de outubro de 1943. Esther fugiu, foi ferida e, até que recuperou suas forças, encontrou refugio na floresta junto a um grupo de *partisans*. Duas semanas mais tarde, ela localizou o celeiro do sonho. Ao se assegurar que o celeiro estava vazio, instalou-se no local. No dia seguinte, encontrou um fazendeiro que lhe deu o que comer. De repente, escutou uma voz que vinha do outro lado do celeiro e acreditou que sua hora havia chegado. Entretanto,

constatou, incrédula, que a pessoa que estava escondida no mesmo celeiro era nada mais nada menos que seu irmão Yidel, que ela acreditava ter morrido fuzilado em uma outra ocasião.

8 À guisa de conclusão

Em todas essas narrativas percebe-se a tensão entre a esperança e a desesperança, o medo e a confiança, o desejo de comunicar e de receber uma resposta para a situação caótica, para o sofrimento sem fim, para o desconhecido.

Diante da magnanimidade de todo o sistema concentracionário e da sua voracidade inenarrável, os prisioneiros sonhavam. Dessa forma, mantinham, em condições extremas, sua atividade anímica. Talvez o único espaço permitido para o ser, para a manifestação da individualidade fosse o espaço do sonho, nesse lugar onde poderia haver, ainda, alguma possibilidade de escolha.

A faculdade de sonhar sempre assombrou os homens. As manifestações de desejos de ordem imediata, no caso da fome, do frio e das dores desses prisioneiros sistematicamente brutalizados são as mais comuns. O sonho de Primo Levi, mergulhado na angústia de comunicar o incomunicável está, também, na categoria dos “sonhos infantis”, pois é claramente portador do desejo de partilhar sua narrativa sofrida com o outro.

As visões e os sonhos “proféticos” certamente teriam uma explicação mais elaborada, já que todos os sonhos seriam, como afirmou Freud, manifestações de desejos latentes. Mas elas devem permanecer impregnadas de um certo elemento misterioso, pois é justamente esse inexplicável que torna essas narrativas singulares. E essa característica fantástica transforma as narrativas de sobreviventes em fonte e inspiração para a fé e a esperança.

* **Ethel Mizrahy Cuperschmid** é Doutora em História pelo Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.

Referências

- BERNADAC, Christian. *Kommandos femininos*. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1980.
- FREUD, Sigmund. *Interpretação dos sonhos*. Tomo I. Rio de Janeiro: Delta, s/d.
- GOLDBER, David J.; RAYNER, John D. *Os judeus e o judaísmo*. Rio de Janeiro: Xenon, 1989.
- LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- REVISTA MORASHÁ. *Pequenos milagres: tudo pelos meus filhos*. São Paulo, Ano IX, n. 33, p. 25-27 jun. 2001.
- ROTH, Cecil. *Enciclopédia judaica*. Rio de Janeiro: Tradição, 1967.
- SPIEGELMAN, Art. *Maus: a história de um sobrevivente*. (Ilustrações do autor). Trad. Antônio de Macedo Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- STIFFEL, Frank. *Aquele anel trouxe de volta meus dedos: um sobrevivente do Inferno*. Rio de Janeiro: Exodus, 1997.
- SZMAJZNER, Stanislaw. *Inferno em Sobibor: a tragédia de um adolescente judeu*. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1968.
- WIESEL, Elie. *A noite*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- WIESEL, Elie. *Sinais do Êxodo*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.